

## ESPACIALIZAÇÃO DE BASE DÊITICA: ADVERBIAIS PORTUGUESES NO SÉCULO XVI

Sônia Bastos Borba Costa  
Universidade Federal da Bahia

### Resumo

O trabalho apresenta comentários ao texto de Paul Teyssier, *Le système des déictiques spatiaux en portugais aux XIV<sup>e</sup>, XV<sup>e</sup> et XVI<sup>e</sup> siècles* (1981), no que concerne aos adverbiais, com base em leitura da parte relativa a esses adverbiais em Mattos e Silva (1989); do texto integral da *Lenda do rei Rodrigo*, na edição de Cintra (1964); do texto integral da *Crónica de D. Pedro*, de Fernão Lopes, na edição de Macchi (1966), e em análise dos dados recolhidos de nove textos do século XVI, *corpus* de tese de doutorado da autora, defendida em maio de 2003.

Em 1981, Paul Teyssier publicou no nº 6 dos *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale* o texto *Le système des déictiques spatiaux en portugais aux XIV<sup>e</sup>, XV<sup>e</sup> et XVI<sup>e</sup> siècles*, com o intuito de descrever o sistema de dêiticos espaciais do português nos séculos XIV, XV e XVI, para apreender a maneira como se constituiu. O texto é riquíssimo, tanto em dados quanto em reflexões, e aborda os adverbiais **aqui**, **ali**, **acá**, **alá**, **acó**, **aló**, **hy** e **aí**, correlacionando-os aos pronomes demonstrativos e pessoais. Apresentamos aqui, no que diz respeito à abordagem dos adverbiais, comentários ao texto de Teyssier, ilustrando-os com os dados que observamos no *corpus* da nossa tese de doutorado, intitulada *Adverbiais espaciais e temporais do português: indícios diacrônicos de gramaticalização*, e as interpretações que lhes atribuímos, de par com os dados e interpretações de Mattos e Silva (1989) para os *Diálogos de São Gregório*, do século XIV.

Os *corpora* utilizados por Teyssier foram: para o século XIV, a edição de Mattos e Silva (1971) da mais antiga versão portuguesa dos *Diálogos de São Gregório*; para o século XV, a edição de Macchi (1966) da *Crónica de D. Pedro*, de Fernão Lopes, e, para o século XVI, a obra de Gil Vicente, escrupulosamente restrita aos textos de autoria incontestada, escritos em português, deles eliminados trechos em língua estrangeira e os “jargões”, como está detalhadamente explicitado (1981:25, notas 15, 16 e 17).

O *corpus* com que trabalhamos na nossa tese de doutorado, orientada pela Dra. Rosa Virgínia Mattos e Silva, é constituído por nove textos do século XVI, a saber: *A carta de Pero Vaz de Caminha* (CPVC - texto integral); vinte e três das *Cartas de D. João III* (CDJIII - de número 1 a 22); vinte e quatro das *Cartas da corte de D. João III* (CCDJ - as de número 3, 8, 9, 22, 43, 47, 50 a 57, 84, 85, 86, 106, 163, 165, 167, 169, 171 e 173); *Gramática da linguagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira (GFO - texto integral); *Gramática da língua portuguesa*, de João de Barros (GJB - texto integral);

*Diálogo em louvor de nossa linguagem*, de João de Barros (DLNL - texto integral); *Diálogo da viciosa vergonha*, de João de Barros (DVV - texto integral); *Ásia*, de João de Barros (primeira e segunda décadas – DA-I e DA-II - texto parcial), totalizando 11.244 linhas. Para os períodos precedentes do português foram utilizados: Mattos e Silva (1989), para os registros relativos aos *Diálogos de São Gregório*, e os textos integrais da *Lenda do rei Rodrigo* (Crônica Geral de Espanha, século XIV) e da *Crônica de D. Pedro*, de Fernão Lopes (século XV).

Inicialmente, chamou-nos a atenção a caracterização apresentada por Teyssier, nas quatro primeiras linhas do referido texto, para os dêiticos espaciais: “Les déictiques spatiaux sont les morphèmes par lesquels chaque langue exprime la façon dont elle organise l’espace. Ce sont les ‘démonstratifs’ et les ‘adverbes de lieu’ de la terminologie traditionnelle”. (1981:5)

Essa formulação deve ser combinada com outro traço distintivo entre dêixis e anáfora, apresentado mais adiante: “Le déictique situe un objet dans l’univers, alors que l’anaphorique rappelle un objet dont il a été question dans le discours: le premier *pose* et le second *suppose*” (1981:6).

Esses trechos nos chamaram a atenção, primeiro porque a caracterização inicial dá a impressão de que, pelo conhecimento dos demonstrativos e dos advérbios de lugar de dada língua, poder-se-ia compreender como os seus falantes deixaram registradas no seu sistema a distribuição e a organização estrutural cognitiva do espaço que vieram a desenvolver. Embora esses elementos sejam fundamentais, achamos que o seu conhecimento não basta. Precisamos, no caso da língua portuguesa, por exemplo, de outros adverbiais, não necessariamente dêiticos, como **acima, dentro, fora, longe**; de adjetivos, como **grande, estreito, perpendicular, longitudinal, comprido, profundo, lateral, cúbico, tridimensional**; de preposições, como **para, por, até, sobre**; de substantivos, como **base, ponta, ponto, largura, altura, pedaço, distância, superfície**, incluindo distinções lexicais sutis, como **lugar, local, locação, localização, direção, destino** etc., para expressar a grande riqueza de percepção do espaço pelos seus falantes. Segundo, porque a bem achada oposição entre dêixis e anáfora, elegantemente proposta à página seis, ou seja, a dêixis *pose* e a anáfora *suppose*, não é suficiente, ao nosso ver, para a distinção. A precisa caracterização da categoria deve explicitar que a dêixis (espacial, no caso) apresenta, coloca, dispõe o objeto referido, *em relação ao falante*, pois que, se selecionada por uma língua como categoria semântica pertinente, a dêixis se esteia, em última instância, na categoria de pessoa, no **eu**, no enunciador. Essa precisa caracterização da noção de dêixis, ao lado da caracterização de anáfora, é muito importante para a compreensão do subsistema em apreço, inclusive porque, como é sabido, no português arcaico (“portugais medieval”, segundo Teyssier), havia distinção formal entre morfemas dêiticos e anafóricos (basta lembrarmos os anafóricos **hy** e **(en)de**).

Feitas essas observações iniciais, passamos ao ponto essencial que queremos aqui trazer, a saber, a discussão do papel dos adverbiais espaciais portugueses de base dêítica à época abordada por Teyssier no seu texto, confrontando seus dados e suas inferências, tanto quanto os de Mattos e Silva (1989), com os dados que recolhemos e as interpretações que lhes atribuímos, sempre que possível, confrontando-os também com o seu uso no português brasileiro de hoje.

Para nossa análise, distinguimos as formas simples das locucionais, enquanto Mattos e Silva não as distingue nos seus quantitativos e Teyssier não o faz sistematicamente. Chamamos de formas simples aquelas que, por etimologia e/ou por

tradição normativa, são compostas de apenas um elemento, como **lá**, **cá** ou **aqui**, enquanto as locucionais são constituídas por mais de um elemento, detectáveis por serem explícitos na grafia ou por termos ainda consciência da composição, como **de lá**, **por ali**, **para cá** ou **dali**. Isso pode justificar discrepâncias quanto à quantificação das ocorrências. Lembramos ainda que Mattos e Silva procedeu à análise nos dois primeiros livros dos *Diálogos de São Gregório*, enquanto Teyssier (1981:9-10, nota 6) completou-a, incluindo os demais livros.

### 10s *Diálogos de São Gregório* (DSG) – séc. XIV

A partir do texto de Teyssier, depreendemos um quadro de incidências, nos DSG, das formas enfocadas e respectivos traços semânticos considerados, que comentaremos com base no que depreendemos da leitura de Mattos e Silva (1989):

**Quadro I. Adverbiais dêiticos nos DSG (com base em Teyssier, 1981)**

		<b>aqui</b>	<b>ali</b>	<b>aca</b>	<b>ala</b>	<b>acó</b>	<b>aló</b>	<b>hi</b>
Pontual		+	+			+	+	
Extensivo				+	+			
Estático		+	+				+	
Dinâmico				+	+	+		+
Dêixis	1ª pessoa	+		+		+		+
	2ª pessoa							
	3ª pessoa		+		+		+	
Anafórico							+	
<b>Número de ocorrências</b>		<b>53</b>	<b>94</b>	<b>1</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>131</b>

Mesmo levando-se em conta que a análise de Mattos e Silva, que consultamos, atém-se aos dois primeiros livros, e que Teyssier procedeu ao levantamento completo, há coincidência quase total nas suas leituras, como também na nossa, e, conseqüentemente, na apreensão dos dados. Destacaríamos apenas o fato de que, analisando os exemplos para a forma **ali** apresentados por Mattos e Silva (1989:234-235), consideramos que, em seis casos, o adverbial tem uso anafórico espacial e, em um caso, anafórico temporal, enquanto Teyssier registra o seu uso, ao menos no que se pode inferir, apenas como dêitico espacial de terceira pessoa:

Pour les adverbes de lieu notre tableau fait apparaître une organisation binaire parfaitement symétrique: d'un côté trois morphèmes en aqu-(ac-), de l'autre trois morphèmes en al- (...). L'opposition est donc simplement entre ce qui est présent, donc proche, et ce qui est absent, donc éloigné. (1981:13)

Observe-se que, para Teyssier, há oposição binária entre a série de três elementos **aqui/acá/acó** e a série, também de três elementos, **ali/alá/aló**. Ao nosso ver, poder-se-iam ler essas formas sob outra organização, qual seja, uma oposição entre três séries de dois elementos: **aqui/ali** x **acá/alá** x **acó/aló**, cuja marca formal seria não os elementos iniciais, mas sim a vogal final (**i** x **a** x **o**), e que, semanticamente, oporiam o ponto preciso dêitico (série em **i**) ao ponto-alvo do deslocamento, quando distanciado do falante (série em **a**), quando aproximado do falante (série em **o**). O fato é que há uma

reorganização desse sub-sistema na passagem do português arcaico ao português moderno, como se pode depreender tanto da leitura do texto de Teyssier quanto do que aqui expomos, com base na nossa análise dos dados de Mattos e Silva (1989), na nossa leitura da *Lenda do rei Rodrigo*, da *Crónica de D. Pedro* e do nosso *corpus* do século XVI.

As duas séries triplas análogas (pelo menos, quanto ao étimo) **aqui/acá/acó** e **ali/alá/aló** foram reduzidas a séries duplas (**aqui/cá** e **ali/lá**) e assim se estabeleceram a partir do século XVI (XV?), aproximadamente. Assim, enquanto nos DSG (cf. Mattos e Silva, 1989) registram-se as seis formas, na LRR registram-se quatro: **aqui** (nove ocorrências, de sentido estático espacial, *lugar onde*); **acó** (três ocorrências, sendo duas de sentido dinâmico espacial, *lugar para onde* e uma ambígua); **ali** (quatro ocorrências, duas de sentido estático espacial, *lugar onde*, e duas de sentido dinâmico); **aló** (quatro ocorrências, sendo três de sentido dinâmico, *lugar para onde*, e uma de sentido estático). Já na CDP registram-se seis, com a inclusão da forma **lá**; **aqui** (doze ocorrências, todas de sentido estático espacial); **cá** (uma ocorrência, de sentido dinâmico, um tanto impreciso, talvez *lugar por onde*)<sup>1</sup>; **ali** (sessenta e duas ocorrências, de sentido espacial, sendo cinquenta e três estáticas e nove de sentido dinâmico, *lugar para onde*); **alla** (quatro ocorrências, de sentido dinâmico, *lugar para onde*); **allo** (duas ocorrências, sendo uma de sentido estático e uma de sentido dinâmico, *lugar para onde*); **lá** (seis ocorrências, sendo cinco de sentido dinâmico, *lugar para onde*, e uma, também de sentido dinâmico impreciso, talvez *lugar por onde*)<sup>1</sup>.

No século XVI, com base no *corpus* que analisamos, registram-se quatro formas dessas séries: **aqui** (oitenta e nove ocorrências, sendo oitenta e uma com sentido estático, *lugar onde*, e sete com sentido dinâmico, *lugar para onde*; uma delas não é inferível pelo contexto); **cá** (vinte e uma ocorrências, sendo dezoito com sentido estático, *lugar onde*, e três com sentido dinâmico, *lugar para onde*); **ali** (cento e trinta e três ocorrências, sendo cento e doze com sentido estático, *lugar onde*, vinte, com sentido dinâmico, *lugar para onde*, e uma com sentido temporal); **lá** (noventa e sete ocorrências, sendo sessenta e quatro com sentido estático, *lugar onde*, e trinta com sentido dinâmico, *lugar para onde*). Há ainda três ocorrências de **lá** não espacial.

Assim, talvez possamos aventar a hipótese, para o português arcaico, de distinção semântico-formal *sentido estático* (**aqui/ali**) x *sentido dinâmico* (**acó/alla, aló, lá**), ficando difícil uma hipótese para a forma **aca>ca**, por falta de dados. Essa distinção, embora tenha continuado a ser considerada semanticamente na língua, deixou aos poucos de ser expressa em termos morfológicos estritos, no português moderno, passando à expressão analítica (combinações com preposições) ou componencial (associação com verbos de sentido estático ou dinâmico, por exemplo).

## 2A *Crónica de D. Pedro* (CDP) – séc. XV

Apresentamos a seguir o quadro de incidências desses adverbiais na CDP, depreendido da leitura do texto de Teyssier, seguido de comentários baseados na nossa leitura da *Crónica de D. Pedro*.

<sup>1</sup> “...começaram de correr hu<sup>o</sup>nas **ca** e outras **lá**.”(CDP, p. 269, l. 67)

**Quadro II. Adverbiais dêíticos na CDP (com base em Teyssier, 1981)**

		<b>aqui</b>	<b>ali</b>	<b>cá</b>	<b>lá</b>	<b>aló</b>	<b>hi</b>
Pontual		+	+			+	
Extensivo				+	+		
Estático		+	+			+	
Dinâmico				+	+	+	
Dêixis	1ª pessoa	+					
	2ª pessoa						
	3ª pessoa		+				
Anafórico				+	+		+
<b>Número de ocorrências</b>		<b>14</b>	<b>98</b>	<b>1</b>	<b>6</b>	<b>2</b>	<b>38</b>

Embora não registradas por Teyssier, encontramos quatro ocorrências da forma **alla**, de conteúdo semântico espacial, dinâmico (indicando direção) e anafórico:

- (1) ...enviou rrogar a rrainha dona Maria que sse fossem pera Touro onde ella estava, rreceando-sse d’el-rrei seu filho; e foram-sse **alla**. (CDP, p. 166, ls. 180-182)
- (2) E o conde chegou a Pancurvo e assessegou hi alguᶒus dias, e depois se partio pera Najara; e el-rrei foi **alla** com seu poder. (CDP, p. 204, ls. 23-25)
- (3) ...e mandou **alla** [a casa do principe de Gallez] o bispo d’Evora e Gomez Lourenço do Avelaal. (CDP, p. 271-272, ls.19-20)
- (4) Estonce fezerom rrecontamento ao principe das ajudas que de Purtugall rrecebera assi per mar come per terra, e como todollos senhores e fidallgos que **alla** [a Gallez] foram veherom d’ell e dos seus mui mall-contentes. (CDP, p. 273, ls. 53-57)

Quanto à forma **ali**, enquanto Teyssier registra, globalmente, noventa e oito ocorrências, porque nelas inclui formas locucionais, registramos sessenta e duas da forma simples e trinta e oito de formas locucionais (**dali**, **por ali**), totalizando cem ocorrências. E, enquanto Teyssier considera o **ali** sempre estático (1981:14, ls. 10-15), identificamos nove casos de **ali** com sentido dinâmico (direção), e o mesmo sentido em todas as formas locucionais (expressando ponto de partida ou trajeto), como se vê dos exemplos:

- (5) ...e veherom **alli** alguns capitães das companhias. (CDP, p. 247, l.6)
- (6) ...e **alli** partirom elles logo. (CDP, p.165, l. 167)
- (7) Em outro dia partio el-rei d’**ali**. (CDP, p. 156, ls. 95-96)
- (8) E o conde partio de Galiza e foi pellas Esturas, porquanto per aquella comarca non avia mandamento d’el-rei, pensando el pouco que fosse per **alli**. (CDP, p. 167, ls. 211-214)

Enquanto Teyssier registra trinta e oito ocorrências para **hi** (forma simples) e trinta e uma para **hi** em “locutions figées”, registramos quarenta e uma ocorrências da forma simples, além de dezessete ocorrências de **desi**. E, enquanto ele registra a seguinte ocorrência como exemplo de “locution figée” em uso anafórico, nós a

interpretamos como exemplo da forma simples, em uso dêitico de segunda pessoa. Observe-se o exemplo, aliás, bastante ilustrativo, por reproduzir suposta fala, ou seja, por representar o discurso direto:

- (9) E el-rrei mandou-o deitar na rrua per hu<sup>o</sup>ua janella da casa honde pousava, e disse aos bizcainhos que estavom hi muitos: “Vedes **hi** o vosso senhor de Bizcaia que vos demandava por seus!” (CDP, p. 183, ls. 61-64)

O mais curioso é que Teyssier cita especificamente esse exemplo, mas para interpretá-lo, conforme já dito, como incluindo uma “locution figée”, **vedes hi**, significando, segundo ele, ‘eis aqui’ (“voici”). Por causa dessa interpretação, para ele, o subsistema adverbial é binário. Não vemos assim. Preferimos atualizar a seqüência pela forma **eis aí** ou **vede aí**, a última, aliás, perfeitamente reconhecível na atual forma **vejam aí**, em que o **aí** é nitidamente um dêitico de segunda pessoa, embora, é verdade, cada vez mais gramaticalizado e, conseqüentemente, abstratizado, pelo incremento de uso combinado com outros verbos, como **toma aí**, **diga aí**, **leia aí**, **sente aí**, **chegue aí**, **entre aí**. A esse respeito, observe-se o que diz Teyssier:

Il suffirait d’un emploi de hi nettement déictique, c’est-à-dire se référant à un endroit qu’on designe et non à un endroit qu’on rappelle, pour que le “saut” qui fera de hi le troisième terme de la microstructure aqui/hi/ali soit réalisé. Il est parfaitement possible que ce “saut” se soit produit à l’époque de Fernão Lopes, et même avant... (1981:24)

Não poderia ser esse um exemplo do emprego que atestaria o “salto” do sistema de bipartido para tripartido?

De maneira semelhante, enquanto Teyssier registra, na CDP, apenas a “vocalização anafórica” para o **lá** (1981:22, ls. 39-40), nós o interpretamos como dêitico de terceira pessoa, no exemplo:

- (10) Foi feito hu<sup>o</sup>u movimento no ceo des a mea noite pera adeante, o quall foi per esta guisa: correrom todallas estrellas do levante pera o poente, e depois que todas foram juntas, começaram de correr hu<sup>o</sup>uas **ca** e outras **lá**. (CDP, p. 269, ls. 64-67)

Esse exemplo é citado por Teyssier para justificar a sua classificação do **lá** como dinâmico e extensivo, ou seja, como dêitico que refere uma área espacial, mais que um ponto, com o que concordamos. Vejam-se as palavras de Teyssier, que, inclusive, explica o papel da presença ou ausência do **a** inicial nos pares pertinentes:

Non seulement la voyelle initiale de aqui/ali n’est pás tombée par aphérèse, comme celle de aca/alá, mais elle sera bientôt transférée à d’autres morphèmes. Ainsi l’aphérèse n’a pas été une force aveugle, une ‘loi phonétique’ fatale: elle a joué ou n’a pas joué selon les cas. Acceptée pour aca/alá, elle a été refusée pour aquí/ali. Et cette différence de traitement a pour effet d’accentuer dans le système morphologique les oppositions significatives. Alors qu’en espagnol ou en galicien les morphèmes équivalents sont restés proches, le portugais cá/lá est devenu très différent de aqui/ali. (1981:22)

Contudo, o emprego documentado no exemplo (10) parece-nos mais dêitico que anafórico, ou seja, **cá** e **lá** referem, de modo mais claro, região próxima e região afastada, respectivamente, do falante-autor do que retomam elementos já citados no discurso, no caso, **levante** e **poente**.

Outro ponto é que, para Teyssier, dentre esses adverbiais, preenchem uso anafórico o **hi**, o **lá** e o **cá**. Encontramos, contudo, uma ocorrência de **aqui**, quatro ocorrências de **alá**, como já dito, e quase todas as ocorrências de **ali**, forma simples (sessenta e uma, em sessenta e duas), que preenchem essa função.

### 3 O século XVI

Em seguida, trazemos o quadro de incidências desses adverbiais na obra de Gil Vicente, depreendido da leitura do texto de Teyssier. Como é sabido, Teyssier legou-nos estudo extraordinário da obra de Gil Vicente, e os dados que apresenta no texto ora comentado nos foram muito importantes para confronto com os nossos. Fazemos acompanhar o quadro de comentários, a partir de sua comparação com os dados que recolhemos e interpretamos do *corpus* de nossa tese:

**Quadro III. Adverbiais dêiticos na obra de Gil Vicente (com base em Teyssier, 1981)**

	<b>aqui</b>	<b>aí~hi</b>	<b>ali</b>	<b>cá</b>	<b>lá</b>	<b>acolá ~escolá</b>
Pontual	+	+	+			
Extensivo		+		+	+	+
Estático	+	+	+			
Dinâmico				+	+	
Dêixis	1ª pessoa	+		+		
	2ª pessoa		+			
	3ª pessoa			+	+	+
Anafórico		+				
Outras noções		+				
<b>Número de ocorrências</b>	<b>405</b>	<b>20~95*</b>	<b>84</b>	<b>251</b>	<b>225</b>	<b>3~1</b>

\* e mais 61 ocorrências de **hi aver**. As 95 ocorrências incluem **per hi**, **por hi**, **d'hi**, **di**.

Como dado que mais chama a atenção, a nossa pesquisa confirma inteiramente a ocorrência de **aí** apenas a partir do século XVI. De fato, segundo todos os estudiosos a que tivemos alcance, não há registro da forma antes desse século. No *corpus* analisado para a nossa tese, não está registrada na *Carta de Pero Vaz de Caminha* (texto do limiar do século XVI) e, comparando-se sua incidência com a de **hy** (**~hi~i**), no conjunto dos nove textos, predomina esse último, com cinquenta e sete ocorrências, contra vinte e três de **aí**.

Quanto aos adverbiais **aqui**, **aí** e **ali**, embora Teyssier só os refira como de uso estático, encontramos sete ocorrências de **aqui**, uma ocorrência de **aí** e vinte de **ali** com sentido dinâmico, deduzido da sua combinação com os verbos co-ocorrentes. Vejam-se os exemplos:

(11) ...o qual veo oje **aquy** vestido. (CPVC, fl. 11 v., ls. 27)

- (12) **Aí** iram de volta os defeitos da vontáde, cometidos ou permitidos? (DVV, p. 427, ls. 1-2)
- (13) ...e como Ioam Gonçalves e Tristam Vaz descobriram a ylha do porto santo, por razam de huu temporal que os **aly** levou. (DA-I, p. 11, ls. 25-27)

Já quanto ao **cá**, enquanto Teyssier o refere apenas como dinâmico e extensivo, nós o encontramos mais em uso estático (dezoito ocorrências) que dinâmico (três ocorrências). Também encontramos, para a maioria dos usos de **lá**, o valor estático (sessenta e quatro ocorrências sobre noventa e sete de valor dinâmico).

Teyssier sugere que **aí** e **hi** são variantes, na obra de Gil Vicente. O *corpus* que analisamos só nos permite afirmar parcialmente essa variação entre **aí** e **hi**, a saber, quando são dêiticos de segunda pessoa ou quando ocorrem em alguns usos anafóricos, principalmente quando o elemento anafórico tem referente extralingüístico (espaço concreto) ou é parte componente de texto (espaço-texto). Há, contudo, dois tipos de anáfora em que não se pode falar em variação. O primeiro é a anáfora que estamos chamando de “causal”, como se vê no exemplo:

- (14) ...e suas vergonhas tam nuas e com tamta jnocência descubertas que não avia **hy** nhu<sup>o</sup>ua vergonha. (CPVC, fl. 7, ls.11-13)

O segundo tipo de anáfora, de que o português atual prescinde, é aquele que retoma elemento considerado como um conjunto, do qual vem-se a fazer referência a apenas uma parte. Nesse caso, o **hi** sempre acompanha o verbo **haver**. Percebemos nesse **hi** a possibilidade de ser interpretado como **deles**, **dentre eles**, tal como o **en(de)** do português arcaico ou o **en** do francês moderno:

- (15) Desta regra acima em que disse os nomes terem dous números, singulár e plurár, se tiram os nomes irreguláres: porque [h]á **i** uns que tem sòmente singulár e nam plurár. (GJB, p. 309, ls. 16-18)
- (16) E antre éstas cousas, sei que [h]á **i** vergonha. (DVV, p.431, ls.4-5)

Uma observação curiosa é que, no nosso *corpus*, encontramos dezesseis ocorrências de **lá** como dêitico de segunda pessoa, superando, de muito, seus usos dêiticos (quatro) de referência à terceira pessoa. Na verdade, a posição de dêitico de segunda, no nosso *corpus*, pode vir preenchida por **i**, **aí** e **lá**, com predominância de **lá**. Vejam-se os exemplos:

- (17) Se, além do que por ella lhe mando, vos parecer **la** que ele deve fazer mais por meu serviço, asy pera a seguridade de se avere e cobrare os ditos mil e seiscentos cruzados, como pera qual quer outra cousa que vos la pareça que se deve fazer por meu serviço... (CDJIII, c. 10, ls. 15-19)
- (18) E Corvarão, o embaixador do emperador, me parece que sera muy bõõ ficar **hy**, Requerendo despois de nos virdes. (CDJIII, c. 13, ls. 148-149)



- (19) ... tirareis loguo os despachos, e fareys toda a deligência na pobricaçom e execuçom d’elles, asy **ahy** como e<sup>ⓐ</sup> todos os lugares que compryr. (CDJIII, c. 6, ls. 235-237)

Para finalizar a abordagem do século XVI, uma referência à forma **acolá**. Essa forma só ocorreu uma vez no *corpus* que analisamos, na lista de “advérbios de lugar” na GJB, o que não nos permitiu inferências quanto aos demais traços semânticos.

#### 4 Uso atual

Teyssier propõe que, no português atual (“portugais moderne, au Portugal”), o quadro desses adverbiais possa ser representado como a seguir (1981:38):

**Quadro IV. Adverbiais dêíticos no “portugais moderne”**

Dêíticos			Anafóricos
1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa	_____
aqui	aí	ali	
cá	lá/acolá		

Quanto a esse ponto, nossos comentários se prendem ao fato de que, ao nosso ver, no português brasileiro atual, lidamos não com três, mas com quatro graus para os dêíticos, a saber: **aqui**, **cá/aí/ali/lá**. Além da já tradicional tripartição em campo do emissor (**aqui** ou **cá**), campo do receptor (**aí**), campo afastado dos dois (**lá**), utilizamos o **ali** em um sentido de distanciamento alcançável, pela visão ou ostensão, tanto pelo emissor quanto pelo receptor. Isso é, em parte, reconhecido por Teyssier:

Rappelons seulement que les oppositions ternaires este/esse/aquele et aqui/aí/ali impliquent une division de l’espace en trois domaines, et que ces trois domaines correspondent aux trois personnes du verbe, - este et aqui au moi du locuteur, esse et aí au toi de l’allocutaire, aquele et ali à um lui extérieur aux interlocuteurs. (1981:5)

Nossa discordância quanto a essa afirmação prende-se ao fato de que, para nós, o **ali** não representa o terceiro e último grau de exófora. Trata-se de uma noção dêítica a mais, grau de distanciamento compartilhado pelo emissor e pelo receptor, que não exclui as três outras. Ou seja, o **ali** indica que o campo espacial referido não é nem o do emissor nem o do receptor, estando, portanto, deles distanciado, mas a ponto de ser alcançado pela visão, compartilhadamente, por ambos. Por isso, o **ali** parece “mais perto” que o **lá**, como se pode depreender da seguinte frase, ouvida por nós, em conversa telefônica:

- (20) Se sua mãe foi **ali**, dá pra esperar; se foi **lá**, não.

Também se pode observar essa característica semântica do **ali** no uso da expressão **logo ali** (observe-se que não se usa **logo lá**), em frases como:

- (21) Minha casa fica logo **ali**.

Quanto ao **aqui** e ao **cá** parecem funcionar como variantes, embora não tenhamos certeza se em todos os casos. Por exemplo, preferimos dizer:

- (22) Vem pra **cá**.  
a  
Vem pra aqui.
- (23) Dê **cá**.  
a  
Dê **aqui**.
- (24) Eu disse **cá** comigo: isso **aqui** não está certo.  
a  
Eu disse **aqui** comigo: isso **cá** não está certo.

Ainda quanto ao **cá**, concordamos com Teyssier que, em alguns casos, parece ter uso mais extensivo, expressando área mais abrangente que o **aqui**, este mais pontual. Por exemplo, se dizemos:

- (25) Ele esteve **aqui**,

sinalizamos o espaço como um ponto preciso, bem mais determinado que quando dizemos:

- (26) Ele vive viajando de **cá** para **lá**.

Não temos certeza, contudo, se isso ocorre em todos os casos.

Importante, também, a respeito da situação atual, é a leitura do seguinte trecho:

A mon ami João qui me téléphone de Lisbonne je demande, moi qui suis à Paris: “A Manuela está aí contigo?” (Manuela est-elle là-bas avec toi?): c’est un déictique. Puis, dans la même conversation, mon interlocuteur m’ayant dit qu’il avait fait la veille une excursion à Evora, je demande: “A Manuela esteve aí contigo?” (Manuela y a été avec toi?): c’est un anaphorique. (1981:6)

No nosso entender, não usaríamos **aí** em ambas as perguntas. Usaríamos o **aí**, dêitico, para perguntar se Manuela esteve com o interlocutor em Lisboa, mas usaríamos **lá**, anafórico, para perguntar se Manuela teria ido a Évora, lugar afastado do interlocutor no momento da comunicação.

Para concretizar nossa interpretação desses adverbiais quanto ao seu uso na atualidade, pelo menos quanto ao português do Brasil, propomos o quadro a seguir, inspirado no de Teyssier:

#### Quadro V. Adverbiais dêiticos no português brasileiro atual (nossa proposta)

Dêiticos					Anafóricos
	1ª pessoa	2ª pessoa	Distância Média	3ª pessoa	Todos
Pontuais	aqui~cá	aí	ali	lá	
Extensivos	cá			lá	

A tese que elaboramos apresenta nossa análise detalhada de todos os adverbiais espaciais e temporais, não só os dêiticos, detectados no *corpus* que selecionamos para o século que nos trouxe a língua portuguesa - nossa modesta contribuição para o estudo de uma época que já contou com estudiosos do porte de Paul Teyssier, ao lado de outros, entre os quais colegas do nosso grupo de pesquisa do Instituto de Letras da UFBA, o PROHPOR, mas que ainda representa território misterioso, em grande parte, por explorar.

### Referências Bibliográficas

- BAIÃO, A. (Ed.). *Ásia de João de Barros: primeira década*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1932.
- \_\_\_\_\_. *Ásia de João de Barros: segunda década*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1932.
- BARROS, J. de. *Gramática da língua portuguesa: cartinha, gramática, diálogo em louvor da nossa linguagem e diálogo da viciosa vergonha*. Ed. crítica de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971.
- CINTRA, L. F. L.. *A lenda do rei Rodrigo*. Lisboa, Verbo, 1964.
- FORD, J. D. M. (Ed.). *Letters of John III, king of Portugal: 1521-1557*. Cambridge: Harvard University Press, 1931.
- \_\_\_\_\_; MOFFAT, L. G. (Eds.). *Letters of the court of John III, king of Portugal*. Cambridge: Harvard University Press, 1931.
- LOPES, Fernão. *Crônica de D. Pedro*. Ed. crítica con introduzione e glossario a cura di Giuliano Macchi. Roma: Edizione dell'Ateneo, 1966.
- MATTOS E SILVA, RV. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: IN – CM, 1989
- OLIVEIRA, Fernão de. *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Ed. crítica de Amadeu Torres e Carlos Assunção. Lisboa: Academia de Ciência de Lisboa, 2000.
- PEREIRA, S.B. *Vocabulário da carta de Pero Vaz de Caminha*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1964.
- TEYSSIER, Paul ).Le système des déictiques spatiaux en portugais aux XIV, XV et XVI siècles. In: *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale*, n. 6, Séminaire d'études médiévales hispaniques de l'Université de Paris – XIII, Paris, p. 5-39, mar.1981.

### Resumé

Commentaires au texte de Paul Teyssier, *Le système des déictiques spatiaux en portugais aux XIV<sup>e</sup>, XV<sup>e</sup> et XVI<sup>e</sup> siècles* (1981), en ce qui concerne les adverbiaux, basés sur la lecture de la section relative a ces adverbiaux en Mattos e Silva (1989); du texte intégral de la *Lenda do rei Rodrigo*, dans l'édition de Cintra (1964); du texte intégral de la *Crônica de D. Pedro*, de Fernão Lopes, dans l'édition de Macchi (1966); et sur l'analyse des résultats des recherches dans neuf textes du XVI<sup>e</sup> siècle, *corpus* de thèse de doctorat de l'auteur.

(Publicado em *Estudos: Lingüísticos e Literários* n° 29-30. Salvador: PPGLL/ UFBA, 2002-2003. p.163-176)